

PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E OS ELEMENTOS QUE O CONSTITUEM

TEACHING AND LEARNING PROCESS AND ITS CONSTITUTIVE ELEMENTS

Jair Pereira da Cruz¹

RESUMO: Este é um trabalho de cunho bibliográfico que explora a problemática: como ensinar os alunos em sala de aula? Não visamos construir receita para responder à questão, apenas trazer elementos pedagógicos que levem os profissionais da educação a construírem suas próprias reflexões acerca do tema para uma possível aplicação na sua realidade. Nosso objetivo é edificar algumas dimensões do profissional docente para atuar no processo de Ensino e Aprendizagem. O foco aqui é o Processo de Ensino e Aprendizagem, mas para tangenciá-lo, tivemos que falar de alguns elementos que o constituem, como: desafios profissionais de sala de aula, currículo, linguagem e escola.

Palavras-Chave: Ensino. Aprendizagem. Professor. Aluno.

ABSTRACT: This is a bibliographical work that explores the problem: how to teach students in the classroom? We do not aim to build a recipe to answer the question, only to bring pedagogical elements that lead education professionals to construct their own thoughts about the theme for a possible application in their reality. Our objective is to build some dimensions of the teacher to act in the process of Teaching and Learning. The focus here is the Process of Teaching and Learning, but to tangenciate it, we had to talk about some elements that constitute it, such as: professional challenges of classroom, curriculum, language and school.

Keywords: Teaching. Learning. Teacher. Student.

INTRODUÇÃO

O grande desafio da educação atualmente está no desenvolvimento de políticas públicas que possibilitem, educação de qualidade. São vários os elementos que denunciam a falta de vontade política para com a Educação Brasileira. Neste trabalho, vamos discutir pontos importantes do processo de ensino aprendizagem para tentar compreender os desafios dos professores na sala de aula e elementos que constituem a prática pedagógica.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia e em Letras: Português/Inglês, pela Universidade Federal de Mato Grosso. Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão, Orientação e Supervisão Escolar. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso. Professor da Rede Estadual de ensino de Mato Grosso. *E-mail:* jairpereira_25@hotmail.com

Estar na escola hoje é obrigatório para o aluno, embora existam crianças em idade escolar fora da instituição. Esse é um grande desafio da escola brasileira: viabilizar a permanência do aluno na escola é uma realidade urgente. Porém, além desse, temos outras questões que desafiam a ação pedagógica da escola e merecem nossa atenção: Como fazer para que os alunos que estão na escola aprendam? Diante deste questionamento só há uma certeza: todos têm capacidade para aprender! Cada um aprende sob determinadas condições e de acordo com seu próprio ritmo. Por isso, nada de homogeneização, precisamos desenvolver a consciência heterogênea em nossas classes educacionais.

Nesse sentido, os professores e gestores devem buscar as principais contribuições das pesquisas científicas das diversas áreas sociais do conhecimento para compreender o processo de ensino e aprendizagem e buscar a eficácia da educação escolar. Este trabalho busca ajudar na construção de recortes pedagógicos dentro de uma discussão contemporânea e necessária da educação brasileira. Temos muitos conflitos nas escolas que são gerados pela incapacidade de docentes e gestores em compreender o papel da família frente ao processo de aprendizagem e vice e versa. Não vamos, aqui, delinear nossa discussão em torno do papel de cada um, mas trazer uma discussão sobre o processo de ensino aprendizagem de modo que, ao mergulhar nas entrelinhas deste texto, possa ficar claro para cada um o seu papel.

Nosso olhar para o objeto de pesquisa é bibliográfico e tentamos sistematizar algumas ideias sobre o processo de ensino e aprendizagem e seus elementos constituintes, sem abrir muito o leque da discussão. O nosso objetivo é pontuar algumas questões para servir como suporte a futuras discussões. Para tentar compreender os elementos didáticos do processo de ensino aprendizagem, trabalhamos com autores que, em suas teorias, trazem elementos vinculados diretamente ao trabalho escolar, que possam servir de apoio pedagógico ao professor no cotidiano da sala de aula, dos quais destacam-se Freire (2004), Libâneo (2015), Sacristan (2000) e Meckernan (2000).

Estruturalmente o trabalho está organizado em cinco itens de discussão e as referências bibliográficas. O primeiro item é esta introdução, que visa desenhar o que encontraremos no corpo do trabalho, delinear a importância dessa discussão, estabelecer a problemática e metodologia e revelar alguns autores de destaque. O segundo item, denominado *Os desafios do Professor na Contemporaneidade*, traz uma abordagem sistemática sobre a atuação profissional e os conflitos existentes, além de trazer questionamentos sobre a atuação em sala de aula, que é espaço da aprendizagem. O terceiro item, *Currículo, Aliado ou Vilão do Processo de Ensino Aprendizagem*, objetiva demonstrar o currículo como um instrumento necessário do fazer pedagógico e mostrar a importância de uma ação democrática da escola na execução do mesmo. O quarto item,

A Linguagem e a Aprendizagem, mostra como é fundamental que a escola se preocupe com a valorização das interações e a necessidade de potencializar a linguagem como ação pedagógica na sala de aula. O quinto item tem como título *A Escola e a Aprendizagem*, conceituando o que é ensino e o que é aprendizagem.

OS DESAFIOS DO PROFESSOR NA CONTEMPORANEIDADE.

Nas últimas décadas, muitas foram as transformações ocorridas na Educação Brasileira, o que, conseqüentemente, transformou a profissão docente. As mudanças foram potencializadas pelo avanço tecnológico e a evolução social. Vivemos uma sociedade cada vez mais informatizada e cada vez menos propensa à adequação das pessoas à sala de aula como ela é organizada atualmente.

Todo esse processo de mudança gerou muitos questionamentos e situações de conflitos na nossa educação. E agora, pode-se dizer que são muitos os desafios do professor na sala de aula atual, tais como: como garantir a aprendizagem dos alunos? Como trabalhar a disciplina na sala de aula? Como lidar com a indisciplina? Como tornar o conteúdo mais significativo para os estudantes? Como articular a tecnologia aos conteúdos curriculares? Qual é o papel da escola na sociedade? Dentre muitas outras questões. É imprescindível, para Libâneo (2013, p.44),

Proporcionar a todas as crianças e jovens e escolarização básica e gratuita de pelo menos oito anos, assegurando a todos as condições de assimilação dos conhecimentos sistematizados e a cada um o desenvolvimento de suas capacidades físicas e intelectuais.

Nesta perspectiva, o professor precisa encontrar respostas para todos esses questionamentos através da sua prática. Não se encontra nenhuma receita pronta que possa ser aplicada na de sala de aula, porém, existem várias ideias pedagógicas e didáticas que podem ser adaptadas para cada realidade. Por isso, para dar conta dessa transposição didática e conseguir êxito em sua prática pedagógica, o professor precisa dominar teoricamente alguns conceitos, como as teorias da aprendizagem, técnicas de ensino, conceitos de ensino e aprendizagem e até mesmo o processo histórico da educação, para que possa compreender certos reflexos atuais.

A leitura e a pesquisa devem ser compreendidos como elementos essenciais da profissão docente. Diante de tantos conceitos a serem compreendidos, para que sejamos docentes preparados para a ação pedagógica. Não se pode ficar na janela olhando a vida passar, temos que voltar o olhar para os fundamentos do processo pedagógico que embasam a prática. Estamos propondo a problematização da realidade, como um aspecto positivo numa nova relação de ensino aprendizagem. Para Balzan (2011, p.65),

“A problematização da realidade resulta num desafio à inteligência de professores e alunos e isto é o que importa, afinal”.

Diante de uma sociedade tão questionada sobre sua essência humana e sua organização social, precisa-se apostar num olhar crítico da ação pedagógica, para que esses sujeitos em formação possam se libertar da alienação imposta pela relação de poder estabelecida socialmente, que também influencia a escola e a formação das pessoas. A escola precisa fomentar um encontro ativo entre o aluno e os conteúdos curriculares, para que os conteúdos ensinados na sala de aula possam refletir de maneira crítica e consciente na sociedade.

Diante de tudo isso, pode-se perceber que o desafio do professor na sala de aula e na educação como um todo, perpassa m uma ação global. Gerenciar uma sala de aula, no sentido de garantir a aprendizagem, ensinar com qualidade e profundidade, estabelecer relações de respeito mútuo, motivar a aprendizagem, articular conteúdo, preparar sujeitos críticos e resgatar valores humanos, são tarefas do professor que anda cada dia mais insatisfeito com o resultado do seu trabalho. Esses desafios não são fáceis de serem superados, mas também não são impossíveis. Tal fato se concretiza quando a formação profissional corresponde a essas exigências, quando acontece na escola um trabalho coletivo, quando os pais são parceiros na ação pedagógica e educativa e, principalmente, quando a imaginação do professor na articulação do conteúdo curricular e a ação pedagógica não tem limite. São importantes a criatividade e a capacidade de se reinventar na ação de ensinar, para atingir de forma satisfatória a todos os alunos, ou pelo menos sua grande maioria, no contexto de assimilação do que se ensina na sala de aula.

CURRÍCULO: ALIADO OU VILÃO DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

O currículo para algumas pessoas pode ser entendido como um vilão, pois vem carregado de uma ideologia que é própria do sistema social hegemônico. Ele carrega pretensões ocultas e ideológicas que somente uma pessoa desalienada e bem preparada pode perceber e revelar. Não há dúvidas de que, em um processo democrático, muitas vezes os currículos escolares são discutidos com a sociedade, porém o resultado final é sempre de acordo com a ideologia dominante, pois para além das discussões, há uma equipe que sistematiza e prepara a versão final.

Mas, antes de vilanizar o currículo, é preciso compreender o que é de fato um currículo escolar e com que ele se preocupa. Meckernan (2009, p.23) discorre:

O currículo se preocupa com o que é planejado, implementado, ensinado, aprendido, avaliado e pesquisado nas escolas em todos os níveis da educação. A palavra currículo vem do latim *currere*, o que

significa “um caminho a ser feito ou percurso de uma jornada”, e geralmente é definido como o percurso de estudo numa instituição educacional.

Com essa definição de currículo feita pelo autor, conclui-se que este é de suma importância no processo de ensino e aprendizagem. Delinear o caminho a ser percorrido é fundamental na educação. Sem planejamento organizado não se chega ao lugar almejado, não se atinge objetivos. No entanto, os objetivos que devem ser impressos no currículo escolar é que demandam atenção. Pois, segundo Sacristan (2000, p.19), “o sistema educativo serve a certos interesses concretos e eles se refletem no currículo”. Neste sentido, o vilão deixa de ser o currículo e passam a ser questões ocultas, impostas por uma classe social através dele, para garantir interesses particulares de dominação.

Portanto, a escola e o professor preparados para interpretar o currículo, desmistificá-lo e conseqüentemente praticá-lo têm autonomia para fazer chegar ao aluno um currículo mais humanizado, de acordo com a realidade da instituição de ensino. Se pegarmos o currículo pronto, não discuti-lo e simplesmente aplicá-lo como receita, aí sim ele se torna um problema. A escola deve pensar um processo alternativo para projetar, desenvolver, implementar e avaliar o currículo escolar. O que está posto pode ser transformado através de uma ação coletiva, resultado de pesquisa e ação pedagógica. É claro que isso não funciona sem criticidade.

Precisa-se com urgência desvincular currículo de relação de conteúdos. Ele tem uma amplitude muito maior do que isso, mas, muitos educadores o restringem a conteúdos. Nele se propagam o conhecimento, a ciência, as formas pedagógicas, a cultura, a sociedade. Por isso que, ao pensá-lo e ao executá-lo, é preciso compreender um conjunto de situações, tanto do ponto de vista da instituição de ensino formalizada, quanto do cotidiano dos alunos. Não se pode separar conteúdos escolares da vida social do aprendiz. Essas coisas não acontecem de forma separada, elas se coadunam enquanto resultado social. Mas a escola ainda insiste, em muitos casos, em separá-la, e por isso, concebe currículo como vilão do processo de ensino e aprendizagem.

As tendências pedagógicas têm muita responsabilidade na concepção de currículo. A chamada teoria ou abordagem tradicional de ensino, mergulhada em âmbito determinista e fixista, configurou a educação dentro da transmissão de conteúdo. Era como se o professor dotado de saber/poder institucionalizado transferisse o conhecimento de sua cabeça para a do aluno. Nessa abordagem tradicional de ensino, não há espaço para a construção, ou seja, alunos não têm ideias próprias. O ensino é separado da vida e assim se torna insignificante. O professor era arquiteto da mente. Para Neto (2015, p. 407),

Nessa pedagogia, os programas de ensino se encontram estruturados de acordo com uma sequência lógica e inflexível. Os manuais escolares, estritamente vinculados a esses programas, apresentam todo o conteúdo que o aluno deve saber. Minuciosamente organizados solicitam dos alunos a reprodução exata de seus conteúdos, tendo a memorização como consequência imediata. Na Pedagogia Tradicional o método de ensino é igual para todos, considera-se um aluno médio, ideal, sem levar em conta as variações e necessidades individuais.

Com base nessa perspectiva, o currículo é focado no conteúdo que cada turma deve dominar naquele determinando ano escolar. O professor, como detentor do saber, transmite ao aluno aquilo que na visão curricular o estudante deve saber. A relação professor/aluno é autoritária e o ensino completamente mecânico, o que resulta numa aprendizagem sem qualidade. A abordagem tradicional busca homogeneizar o aprendizado, como se os indivíduos fossem massas que, colocadas em formas, pudessem sair idênticas.

Por outro lado, em oposição à escola tradicional, dentro de uma pedagogia mais progressista, a Escola Nova trouxe outra perspectiva educativa. Nesse momento, o professor deixa de ser o centro do processo, papel que passa a ser do aluno. A prática pedagógica deixa o mecanicismo e se abre para novas metodologias, que incluem a experimentação e manipulação do objeto do conhecimento. Nesse momento, não se trata mais de transferir conhecimento sistematicamente organizado, mas de construí-los através do experimento. Desta maneira, os objetivos de ensino da escola deveriam ser construídos a partir de sua realidade, levando em consideração o sujeito do conhecimento. Para Neto (2015, s/p).

Os conteúdos, nessa abordagem de ensino, são definidos a partir dos interesses e das necessidades dos alunos. A interpretação feita dos princípios escolanovistas levou muitos professores a considerar os conteúdos escolares como menos importantes que as atividades propostas.

E Libâneo (2013, p.65) acrescenta,

O currículo não se baseia nas matérias de estudos convencionais que expressam a lógica do adulto, mas nas atividades e ocupações da vida presente, de modo que a escola se transforme em um lugar de vivência daquelas tarefas requeridas para a vida em sociedade. O aluno e o grupo passam a ser o centro de convergência do trabalho escolar.

O movimento da Escola Nova que iniciou nos fins do século XIX, propondo uma mudança de foco para a educação escolar, quebrou paradigmas. Dessa maneira, a sociedade começa a compreender não só um novo aspecto educacional, mas a olhar para a pessoa que aprende de maneira mais humanizada. Esse movimento foi um passo histórico e significativo para o processo de humanização da escola. A criança passa a ser

valorizada como um ser autônomo, que tem liberdade para construir sua aprendizagem a partir de seus interesses com orientações do docente. São levados em consideração no processo de ensino e aprendizagem, de forma individual, os aspectos sociológicos, pedagógicos e psicológicos.

A partir da Escola Nova, outras abordagens de ensino surgiram: a Comportamentalista, Pedagogia Libertadora, Pedagogia com Abordagem da Psicologia Genético-Cognitiva, Pedagogia Crítica e Social dos Conteúdos, Pedagogia com Abordagem da Psicologia Genético – dialética. Todas elas, de alguma forma, trouxeram implicações ao currículo, que teve que ir se modificando para atender as modalidades de ensino que estão presentes na sociedade contemporânea. Dessa forma, não se pode ignorar a história das concepções de ensino quando se entra na sala de aula, ou quando se discute currículo.

O currículo traz uma série de elementos possíveis para se pensar a sala de aula em sua totalidade, pois a mesma não pode ser pensada apenas no limite das quatro paredes. O que acontece dentro do espaço físico da sala de aula é reflexo de tudo que acontece na sociedade. Assim, a ação pedagógica deve ser planejada para atender essa demanda que é social. E por assim ser, o aluno vem recheado de questões que são impostas pela sociedade. Por isso, não se pode ignorar essa realidade. Uma vez ignorada, ela poderá tornar a escola insignificante para o aluno.

Muitos reclamam que o currículo imposto para o trabalho nas escolas dificulta uma ação mais autônoma do professor. A esses, lembramos que quem executa esse currículo é o professor, juntamente com a equipe escolar. No entanto, o mesmo, na sua prática pedagógica, através da educação democrática, tem autonomia para, de forma criativa, fazer com que esse currículo seja menos fixo e mais flexível para atender a realidade de seus alunos.

Entende-se que o currículo é uma ação pedagógica necessária. É uma ferramenta didática com muitas funções. Se ele é vilão ou aliado no processo de ensino aprendizagem, vai depender do uso que se faz dele, ou da maneira como ele é explorado.

A LINGUAGEM E A APRENDIZAGEM

A linguagem é de suma importância na sociedade. É ela que garante a interação entre todos. Sendo assim, dentro do aspecto educacional, ela se configura como matéria essencial para o desenvolvimento pleno do indivíduo.

Para assimilação do conteúdo estudado, a criança precisa desenvolver seus processos neuropsicológicos e funções superiores, conforme denominou Vigostsky em suas teorias. Elas são compostas de processamento perceptivo, processamento

psicomotor, atenção, memória, pensamento e linguagem. A criança, quando nasce, descobre um mundo de possibilidades e a exploração deste acontece através dos órgãos sensoriais os quais possibilitam a elas, o desenvolvimento de seus processos neuropsicológicos.

A partir do nascimento, aos poucos, a linguagem vai sendo constituída. Para falar, o ser humano desenvolve várias funções orgânicas do seu corpo e a ação de diferentes órgãos. Mas esta é uma ação que não ocorre de maneira isolada, ela se materializa a partir do desenvolvimento psicomotor e da evolução cognitiva. Sendo assim, desde o nascimento, a criança deve possuir estruturas sensoriais e mentais para o desenvolvimento da linguagem. Aprendemos por meio da linguagem. Por meio dela também nos desenvolvemos e criamos nossa realidade, tomamos consciência de nós, enquanto indivíduos, e também do mundo que nos cerca.,

Para Vigotsky, a linguagem não era apenas código aleatório, pois ela expressa ideias que se consolidam a partir de uma realidade. Sabemos que o desenvolvimento da aprendizagem está diretamente ligada à aquisição da linguagem que formula o pensamento e permite assimilação e abstração do conteúdo estudado. Por isso, a linguagem é de total importância no processo de ensino aprendizagem e não pode ser desconsiderada como elemento essencial para ele.

A linguagem é um instrumento dinâmico e permite aos alunos desenvolver e explorar situações de comunicação na sociedade. Para o desenvolvimento da linguagem, na sala de aula, o professor precisa promover atividades que incentive essa habilidade por meio da participação da criança. Na escola, devemos pensar na linguagem dentro de uma dimensão mais ampla e não apenas como um conteúdo gramatical dentro do componente curricular de língua portuguesa. Pois, segundo Davis (1991 *apud* Gamez, 2014, p.88),

A linguagem sistematiza a experiência direta das crianças e por isso adquire uma função central no desenvolvimento cognitivo, reorganizando os processos que nele estão em andamento, exercendo papel fundamental no processo de interpretação do mundo pelo sujeito.

Diante do exposto pela autora, é fundamental uma atenção especial na escola para a potencialização da linguagem, pois este é o canal da aprendizagem. Todo o processo cognitivo vai transitar em termos de assimilação da realidade estudada pelo canal da linguagem. Não estamos falando de um simples instrumento, mas de um complexo aparato humano que vai garantir, ou não, dependendo de suas estimulações ou condições neurobiológicas, a evolução da aprendizagem.

Está claro que a aprendizagem está ligada a diversos outros elementos, sem os quais a mesma não se concretiza, a linguagem é um desses elementos. É evidente

também que a linguagem não é inata, a mesma deve ser adquirida através das relações. No entanto, a qualidade das relações que são vivenciadas pelas crianças influencia sua habilidade comunicativa.

Está claro que a linguagem é uma atividade que tem início nos primeiros anos de vida do indivíduo e que vai evoluindo de acordo com o estágio em que esta se encontra. Por isso, deve ser estimulada e trabalhada desde o início da vida da criança.

Enquanto isso, na escola, o educador deve trabalhar a linguagem como um processo dinâmico, promovendo a interação através de distintas atividades significativas para o aluno, trazendo-lhe diversos benefícios, tais como: desenvolver sua autonomia, torná-lo mais comunicativo, enriquecer seu vocabulário, construir conhecimento e desenvolver o senso crítico. Para Moreira (2011, p.75),

Cada linguagem tanto em termos de seu léxico como de sua estrutura, representa uma maneira singular de perceber a realidade. Praticamente tudo que chamamos de “conhecimento” é linguagem. Isso significa que a chave de compreensão de um “conhecimento” ou de um “conteúdo” é conhecer sua linguagem. Uma “disciplina” é uma maneira de ver o mundo, um modo de conhecer, e tudo que é conhecido nessa “disciplina” é inseparável dos símbolos (tipicamente palavras) em que é codificado o conhecimento nela produzido. Ensinar Biologia, Matemática, História, Física, Literatura ou qualquer outra “matéria” é, em última análise, ensinar uma linguagem, um jeito de falar e, conseqüentemente, um modo de ver o mundo.

Percebe-se que ensinamos linguagem. Vivenciamos o mundo através de códigos que resultam em conhecimentos, os quais nós conhecemos através da linguagem. São essas as possibilidades auferidas pela linguagem na construção de conhecimento. Vê-se que falta essa compreensão linguística dentro das instituições de ensino, para dar uma valorização mais fecunda aos processos linguísticos na escola.

A escola sem dúvidas é um ambiente riquíssimo de potencialidades para o desenvolvimento da linguagem. Nesse sentido, o corpo docente precisa articular o ensino de forma significativa, para que o aluno compreenda a função do conhecimento sistematizado na sua vida. Em sua volta, muitas coisas estão acontecendo. Esses acontecimentos não podem ser tratados como algo fora das possibilidades da escola, eles têm que vir para dentro do conteúdo que resultará em conhecimento adquirido pelo aluno de forma significativa.

No que diz respeito à interação social, observamos que numa perspectiva de diálogo e identificação o indivíduo se reconhece enquanto ser humano cultural e reconhece o outro da mesma forma. Outro fator evidente é o de que a linguagem, o desenvolvimento e a aprendizagem estão interligados e são fatores que são interdependentes. O ser humano se condiciona a esses elementos para se constituir como

tal. Essa é uma ação adquirida de aparato biológico, ou seja, biologicamente temos uma pré-disposição ou as condições para o desenvolvimento das funções superiores (filogênese). Esse desenvolvimento é influenciado pela história social, em que este ser em desenvolvimento se autoconstrói a partir de todo um aparato cultural (ontogênese).

Para Piletti e Rossato (2015, p 86) “(...) o ser humano, ao nascer, possui todo um aparato formado na história evolutiva da espécie humana, porém é na relação dialética com o mundo real que terá proporcionadas ou não as condições necessárias ao seu desenvolvimento”. Neste sentido, os autores chamam a atenção para a responsabilidade da ação do meio, já que este é responsável pelo aprimoramento evolutivo de um aparato biológico e ontológico que precisa de condições necessárias para o seu desenvolvimento. E essas condições são geradas pelo meio.

Por isso, quando se fala em processo de aprendizagem, é preciso pensar numa série de fatores que podem facilitar ou dificultar esse processo. O funcionamento do cérebro e da mente se articulam com a experiência e, essa os configura, delinea. Além disso, a presença de outros seres humanos em seu entorno permite-lhe a aquisição de manifestações simbólicas como a linguagem e o pensamento.

A ESCOLA E O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Todos têm conhecimento de que a escola é a instituição responsável por promover a aprendizagem formal. Mas sabemos que fora dela a aprendizagem também acontece. São muitas as formas de aprender e ensinar. Acontece que, com toda essa responsabilidade, a escola não tem conseguido articular o saber formal ao cotidiano de seus aprendizes, ocasionando diversos problemas na relação entre indivíduo, escola e aprendizagem.

Para iniciarmos essa discussão, vamos refletir sobre o que Paulo Freire (2004) diz em relação a ensinar, em sua obra *Pedagogia da Autonomia*. Para ele, ensinar exige pré-requisitos como: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, bom senso, diálogo, alegria, competência profissional, curiosidade, etc. Partindo destes conceitos, vamos pensar o ensino como um processo que resulta na aprendizagem e que requer meios psicológicos e sociais muito específicos.

Freire (2004) chama a atenção para esse olhar pedagógico mergulhado numa perspectiva de mundo que articula os conteúdos escolares a habilidades e competências que os indivíduos devem desenvolver na escola através do ensino. O processo de ensino na escola deve ser alinhado a um planejamento que traduz objetivos, conteúdos,

metodologia e ação pedagógica, tendo em vista a assimilação do conhecimento e o desenvolvimento de habilidades.

Diante disso, não se pode esquecer que ensinar exige diálogo, então não é possível pensar nessa tarefa sem haver uma comunicação ativa com o objeto do ensino. Não se pode admitir que o ensino fique preso às velhas características tradicionais que amputam a liberdade, a autonomia e a interação pedagógica. Para Libâneo (2013, p.83),

A atividade de ensinar é vista, comumente, como transmissão da matéria aos alunos, realização de exercícios repetitivos, memorização de definições e fórmulas. O professor “passa” a matéria, os alunos escutam, respondem o “interrogatório” do professor para reproduzir o que está no livro didático, praticam o que foi transmitido em exercícios de classe ou tarefa de casa e decoram tudo para a prova. Esse é o tipo de ensino existente na maioria de nossas escolas, uma forma peculiar e empobrecida do que se costuma chamar de *ensino tradicional*.

Se comumente a atividade de ensinar é vista como aqui descreve Libâneo, já sabemos que o resultado disso implica na qualidade do ensino e das relações estabelecidas entre alunos e professores dentro da escola, na disciplina ou indisciplina. Nesse sentido, é preciso conceber o ensino como um processo assimilativo e não transmissivo. Não é possível fazer uma transferência de conhecimento da cabeça do professor para a cabeça do aluno. Para ensinar, o educador terá que propiciar ao aluno que assimile o conteúdo com base nos seus conhecimentos prévios, no seu estilo de vida, nos elementos de aprendizagem que o professor traz para facilitar o entendimento e o conteúdo em questão.

Nesta perspectiva, o professor vai organizar o ambiente escolar de forma que ajude no processo de ensino e também organizar um conjunto de atividades visando alcançar as habilidades e competências estabelecidas curricularmente, para o nível que leciona. Com isso, deve-se esquecer a concepção de ensino tradicional e compreender o processo de forma mais construtivista. Dessa forma, espera-se que na ação de ensinar, os responsáveis possam trazer como elementos práticos e pedagógicos a alegria de ensinar, suscitando no aprendiz a alegria de aprender, a autonomia do aprendiz que gera liberdade, respeito e construção coletiva.

O conhecimento está nas coisas, na experiência. O papel do professor é ser mediador na assimilação desse conhecimento. No entanto, o fato dele não ser o único detentor do conhecimento não o torna menos importante e nem mais importante no processo de ensino. O professor tem sim grandes responsabilidades nesse sentido, no entanto, ele precisa pensar o espaço escolar educativo como um ambiente de construção de conhecimento e não como transmissão somente.

Para Libâneo (2013, p.86) “O ensino tem um caráter bilateral em virtude de que combina a atividade do professor (ensinar) com a atividade do aluno (aprender)”. Assim,

ele demanda sintonia entre quem ensina e quem aprende, um alinhamento objetivo para que sejam atendidos os anseios do profissional e do aprendiz.

Conduzir o processo de ensino não é uma tarefa fácil, o professor precisa ter claro como a aprendizagem acontece e as condições básicas para a sua materialização. A aprendizagem é educação e desenvolvimento, a ela está relacionada a uma série de elementos como a aquisição de habilidades, competências, comportamentos, conhecimentos e valores. E é resultado da experiência, do estudo, da observação, do raciocínio. Para Libâneo (2013, p.87) “Em sentido geral, qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a aprendizagem. Desde que nascemos, estamos aprendendo e continuamos a aprender a vida toda”.

A aprendizagem é constante e todos podem aprender alguma coisa, dentro do seu ritmo e das suas possibilidades cognitivas, que podem ser estimuladas através de um processo concreto formal ou informal de instrução pedagógica. A aprendizagem é o estabelecimento de novas relações entre o ser humano e o ambiente no qual ele vive. E a aprendizagem escolar, segundo Libâneo (2013, p.88),

(...) é, assim, um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo de ensino. Os resultados da aprendizagem se manifestam em modificações na atividade externa e interna do sujeito, nas suas relações com o ambiente físico e social.

O autor deixa claro que podemos aprender conhecimentos sistematizados, hábitos sociais, habilidades intelectuais etc. Com isso, temos possibilidades de dominar diversos procedimentos que nos auxiliarão na resolução de situações problemas.

Quando se fala em aprendizagem humana é necessário considerar a pessoa de forma integral, pois a aprendizagem é um processo de mudança de comportamento (PILETTI, 1989) que é obtida através da experiência e influenciado por diversos fatores: sociais, emocionais, relacionais, neurológicos e ambientais transformando a aprendizagem em resultados cognitivos e sensoriais.

Diante da complexidade desse processo, precisa-se compreender que a qualidade da educação só se efetiva se houver políticas públicas concretas. Todos têm direito à educação, segundo a Constituição Federal do Brasil e todos têm capacidade de aprender. Então, fica a pergunta: Por que nem todos têm acesso à educação? E quando têm acesso, por que não aprendem com qualidade?

Primeiro porque falta vontade política e não há interesse da classe dominante em oferecer educação de qualidade. A educação popular é negligenciada, pois o processo de dominação só se sustenta se o povo for alienado. Nesse sentido, uma educação que apenas instrui para técnica de mão-de-obra é suficiente. Do outro lado, o povo não faz lutas para garantir os direitos conquistados e nem para garantir novos, pois vivem numa

inércia que é resultado do modo de produção capitalista que o mundo vive. Os governantes massacram os direitos educacionais e a população se acomoda diante do pouco que tem. Superar a inércia social talvez seria o caminho da mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se finalmente que, para ensinar os alunos em sala de aula e compreender o processo de ensino aprendizagem, o professor tem que desenvolver três grandes dimensões que são: a teórica, a pedagógica e a psicológica.

A primeira dimensão é teórica. O profissional docente precisa ter bastante conhecimento sobre a didática, sobre leis, sobre teorias da aprendizagem, história da educação, tipos de pesquisa, abordagens de ensino, currículo, tecnologia, avaliação, sociologia, filosofia, política etc. Enfim, sobre tudo que é necessário para a intervenção pedagógica crítica e eficaz. O conhecimento também ajuda na imaginação e criatividade. Quanto mais se sabe, maior a capacidade de se reinventar dentro do espaço escolar. Esse saber também contribui na solução de conflitos, na discussão do currículo e de todos os processos escolares. O conhecimento dá autonomia ao trabalho docente e torna o profissional polivalente.

A segunda dimensão é de grande importância e tem como característica um docente capaz de usar diversas técnicas de ensino para fazer chegar a aprendizagem a todos os alunos, de modo que nenhum deles seja excluído do conhecimento. Este profissional é criativo e capaz de construir com eficiência todos os elementos necessários para atuação docente: planejamento, sequência, organização da disciplina e desenvolvimento das aulas, articular objetivos, habilidades, competências a serem desenvolvidas e avaliar de forma construtivista. Além de perceber as dificuldades de seus alunos e adotar medidas para saná-las.

É importante o professor ficar atento às dificuldades dos estudantes, pois elas podem levar os alunos ao desânimo. Estas dificuldades devem ser, para o docente, um desafio, o qual ele procura vencer. O professor, com uma boa orientação pedagógica, encoraja seus alunos a buscar mais conhecimento, ampliar sua visão das coisas, a estar por dentro das situações políticas, educacionais, culturais e socioeconômicas e para isso é preciso estar preparado, ou seja, é preciso ser um profissional extremamente didático e crítico.

E a terceira dimensão é a psicológica. Esta é de ordem mais pessoal, porém não menos importante. O professor precisa ter uma base psicológica, ter controle de suas emoções e agir sempre de acordo com que pede a situação. São muitos os problemas

encontrados dentro de uma sala de aula. O controle emocional poderá ajudá-lo a usar a teoria e a técnica para alcançar bons resultados de aprendizagem com seus alunos.

Portanto, a ação docente possui elementos que funcionam em conjunto. E a Educação atual impõe muitos desafios ao professor que precisa estar preparado para vencê-los e se consolidar enquanto profissional da educação. Esse profissional terá clareza para lidar com o processo de Ensino e Aprendizagem considerando a atuação profissional, o currículo escolar, a linguagem e a escola, enquanto ambiente de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BALZAN, Newton Cezar. Supervisão e didática.in: ALVES, Nilda (coord.). **Educação e supervisão: o trabalho coletivo na escola**. 13.ed. São Paulo: Cortez,2011.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Rio Grande do Sul, Paz e Terra, 2004.

GAMEZ, Luciano. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro, Gen/LTC, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2.ed. São Paulo, Cortez, 2013.

MECKERNAN, James. **Currículo e Imaginação: Teoria do processo, pedagogia da pesquisa – ação**. Porto Alegre, Artmed, 2009.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem Significativa: a teoria e textos complementares**. 1.ed. São Paulo: LF Editorial, 2011.

NETO, Carvalho. **O livro didático e as Teorias Pedagógicas**. 2015. Hólos, ano 31, Vol. 6. Disponível em: <https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol__1373923960.pdf>. Acesso: 06 de jan. 2018.

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional**. 7. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da Aprendizagem: Da Teoria do condicionamento ao Construtivismo**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SACRISTAN, J. Gimeno. **O Currículo: Uma Reflexão Sobre a Prática**. 3.ed. Porto Alegre, Artmed, 2000.